

Fórum Valorização e Promoção do Património Regional

Dando continuidade aos Encontros que a ACDR de Freixo de Numão e o Parque Arqueológico do Vale do Côa têm vindo a organizar no âmbito do património arqueológico e sua valorização, em 2007 realizou-se o Fórum Valorização e Promoção do Património Regional. O Fórum decorreu nos dias 28, 29 e 30 de Junho nos concelhos de Figueira de Castelo Rodrigo, Meda, Pinhel e Vila Nova de Foz Côa, integrando quatro sessões coordenadas por diversos investigadores:

Sessões 1 e 2

Duas linhas de investigação regional: estudos cerâmicos e estudos judaicos:

sessão 1. Estudos cerâmicos

Figueira de Castelo Rodrigo, 28 de Junho (manhã)

sessão 2. Estudos judaicos

Pinhel, 28 de Junho (tarde)

Sessão 3

Panorama da investigação regional

Vila Nova de Foz Côa, 29 de Junho

Sessão 4

Arqueologia Experimental

Meda, 30 de Junho

Decorreu uma mesa-redonda no Museu D. Diogo de Sousa em Braga, ainda no âmbito deste Fórum, dedicada ao tema *Sítios Arqueológicos e Visitantes*.

As Câmaras Municipais de Figueira de Castelo Rodrigo, Meda, Pinhel e Vila Nova de Foz Côa apoiaram o Fórum e viabilizaram a edição destas actas. Deixamos expresso o nosso reconhecimento, em nome da organização e de todos os investigadores que tiveram a oportunidade de nele participar.

A realização regular destes Encontros e a publicação atempada das suas actas, contribuem seguramente para que a investigação se mantenha dinâmica nesta região. Todos continuaremos a colaborar, entidades e investigadores, para que os conhecimentos sobre o património se aprofundem e a sua valorização se torne uma realidade cada dia mais presente.

A Organização do Congresso

ACDR PAVC

entidades organizadoras do congresso:



edição das actas:



entidades financiadoras da edição:



Fórum Valorização e Promoção do Património Regional

actas das sessões

volume 1

Cerâmicas no Quotidiano

Estudos sobre Cerâmicas Arqueológicas e Etnográficas

volume 2

Investigar e Valorizar o Património

Estudos Judaicos

Sítios Arqueológicos e Visitantes

volume 3

Do Paleolítico à Contemporaneidade

Estudos sobre a História da Ocupação humana em Trás os Montes,

Alto Douro e Beira Interior

volume 4

Arqueologia Experimental

Recriações do passado em ritmos do nosso tempo

Este volume integra textos relativos à sessão que decorreu em Vila Nova de Foz Côa no dia 29 de Junho de 2007. É um reflexo da qualidade e diversidade da investigação que se vai fazendo por todo o Vale do Côa, abarcando um espectro temporal que vai do Paleolítico superior até à Contemporaneidade. A presença de artigos que abordam temas provenientes de outra regiões é um sinal da credibilidade que estas reuniões e respectivas actas vão, paulatinamente, adquirindo.

entidades organizadoras do congresso:



edição das actas:



entidades financiadoras da edição:



Do Paleolítico à Contemporaneidade

Estudos sobre a História da Ocupação humana em Trás os Montes, Alto Douro e Beira Interior

volume 3



Fórum Valorização e Promoção do Património Regional
actas das sessões

Do Paleolítico à Contemporaneidade

Estudos sobre a História da Ocupação humana em Trás os Montes,
Alto Douro e Beira Interior

volume 3

Índice

| | |
|-----|---|
| 4 | prefácio |
| 6 | introdução |
| 8 | acta 01 O Vale do Côa, o Homem que o criou e o Outro que ainda o vive André Tomás Santos |
| 16 | acta 02 Aspectos da Arte Magdalenense e Tardi-Glacial no Vale do Côa António Martinho Baptista |
| 32 | acta 03 Temporalidades e espacialidades do Castanheiro do Vento (Horta do Douro, V.N. de Foz Côa) Ana Margarida Vale, Sérgio Gomes, Bárbara Carvalho, João Muralha Cardoso, Leonor Sousa Pereira, Gonçalo Leite Velho e Vítor Oliveira Jorge |
| 42 | acta 04 As gravuras rupestres do concelho de Macedo de Cavaleiros Sofia Soares de Figueiredo |
| 62 | acta 05 Duas peças decoradas “castrejas” do Alto do Castelo (Salto, Montalegre) João Mário Martins da Fonte |
| 80 | acta 06 Intervenção arqueológica no perímetro urbano de <i>Aqua Flaviae</i> . Algumas considerações. Pedro Sobral de Carvalho e Rui Filipe Mendes Barbosa |
| 98 | acta 07 O casal romano do Relengo (Barragem do Sabugal). Elementos para o estudo do povoamento romano e tardo-romano no Vale do Côa. Marcos Osório, Ricardo Costeira da Silva, Dário Neves e Paulo Pernadas |
| 116 | acta 08 APDARC: um ano de diálogos Mafalda Nicolau de Almeida |

ficha técnica

Editor

Associação Cultural Desportiva e Recreativa de Freixo de Numão

Título

Actas do Forum Valorização e Promoção do Património Regional

Coordenação do Congresso

Alexandra Cerveira Lima, António Martinho Baptista, António do Nascimento Sá Coixão, Miguel Rodrigues

Coordenação Editorial das Actas

Alexandra Cerveira Lima, António Martinho Baptista, António do Nascimento Sá Coixão, Luís Luís, Miguel Rodrigues

Coordenação Científica da Sessão

António Martinho Baptista, António Sá Coixão, Francisco Sande Lemos

Coordenação da Publicação

André Tomás Santos, Luís Luís

Autores

André Tomás Santos, António Martinho Baptista, Ana Margarida Vale, Sérgio Gomes, Bárbara Carvalho, João Muralha, Leonor Sousa Pereira, Gonçalo Leite Velho, Vítor Oliveira Jorge, Sofia Soares de Figueiredo, João Mário Martins da Fonte, Pedro Sobral de Carvalho, Rui Filipe Mendes Barbosa, Marcos Osório, Ricardo Costeira da Silva, Dário Neves, Paulo Pernadas, Mafalda Nicolau de Almeida

Revisão de Textos

André Tomás Santos e Luís Luís. Ana Vale (texto de que é co-autora).

Design

Gina Ferreira

Pré-Impressão, Impressão e Acabamentos

?????

1ª Edição, 2008. Porto

ISBN: 978-972-99799-4-1

Depósito Legal

????

Tiragem

1000 Exemplares

APDARC^{*}: um ano de diálogos

Mafalda Nicolau de Almeida

(APDARC , www.apdarc.org, apdarc@gmail.com)



fig. 1 Aspecto da exposição “Louceiros de Santa Comba: Histórias que o barro escreve”.

Introdução

A APDARC (Associação para a Promoção da Arte e Cultura do Vale do Côa e Douro Superior), legalmente formada a 16 de Novembro de 2006 como uma Associação privada sem fins lucrativos, foi criada por um grupo de pessoas, da região e de várias localidades do país, com uma característica em comum – o fascínio pelo Vale do Côa e Douro Superior, considerando-os locais de uma enorme riqueza e potencialidade paisagística, cultural e patrimonial. Vários encontros descomprometidos, onde discutíamos ideias e possíveis projectos, acabaram por levar à criação de uma entidade que tem como objectivo principal a contribuição para o desenvolvimento desta região com base em conceitos e paradigmas tais como a comunicação, o diálogo entre diferentes perspectivas, a diversificação cultural ou a potencialidade de um futuro nascido do contínuo confronto dialéctico entre o Passado e o Presente. Julgamos, enfim, essencial a criação de condições para que locais e “estrangeiros” comuniquem de uma forma livre, promovendo-se assim a inovação e o progresso através da cultura local e da interpretação artística da mesma. É nosso objectivo criar um espaço de convivência entre o tradicional e o contemporâneo. Para a aplicação do conceito acima apresentado e concretização dos objectivos descritos, a APDARC tem desenvolvido vários projectos de âmbito cultural, dos quais destacaríamos:

- . “Memórias e Espaços de Ruralidade num Cenário de Metamorfose Identitária do Território”
- . Exposição “Louceiros de Santa Comba: Histórias que o barro escreve”
- . Exposição “A Arte dos Ofícios”
- . *Workshop* de Muxagata
- . Núcleo Museológico do Sumagre e da Amêndoa



fig. 2 Uma das fotos presentes na exposição “A Arte dos Ofícios”.

Memórias e Espaços de Ruralidade num Cenário de Metamorfose Identitária do Território

Com o título acima referido, este projecto correspondeu a um estudo preliminar que visou a pesquisa e recolha dos valores etnográficos da bacia terminal do rio Côa. O levantamento do património material foi orientado por Xosé Lois Ladra-Fernández, sendo o imaterial por Maria da Graça Pereira Araújo. O projecto obteve um subsídio do “Concurso para apoio a trabalhos de investigação” instituído pelo Centro de Estudos Ibéricos, inserido na Linha de acção II – Sociedades de fronteira, fronteiras da sociedade: tradição, modernidade, identidades.

Concluído em Maio de 2008, procuraremos adquirir apoio para a sua publicação, considerando-o como uma base para futuros projectos de raiz cultural que permitam a valorização de um património ancestral num contexto prenhe de (pós)modernidade.

Exposição “Louceiros de Santa Comba: Histórias que o barro escreve”

Integrado no projecto anterior, surge a exposição “Oleiros de Santa Comba: Histórias que o Barro Escreve” organizada pela APADARC, Fozcoactiva E.M. e o Museu de Olaria de Barcelos comissariada por Graça Araújo Pereira, inaugurada a 21 de Maio de 2007 na Sala de Exposições do Centro Cultural de Vila Nova de Foz Côa. De 13 de Julho de 2007 a 26 de Junho de 2008 esteve patente no Museu de Olaria de Barcelos. Foi também editado um roteiro da exposição em Junho de 2007 pela Fozcoactiva E.M. e em Julho de 2007 foi dado à estampa um catálogo pelo Museu de Olaria de Barcelos.

Deveu-se tal acção ao facto da produção oleira na freguesia de Santa Comba ter sido uma importante e activa indústria local. Por outro lado, havia todo um produto de um trabalho de recolhas desenvolvido por uma equipa do Museu de Olaria nos anos 80 que permanecia por estudar. Com base neste material procedeu-se não só ao levantamento da exposição como à edição de um estudo monográfico da colecção exposta.

A Arte dos Ofícios ou como a Arte pode ser um Ofício também

A exposição “A Arte dos Ofícios ou como a Arte pode ser um Ofício também”, patente no Centro Cultural de Vila Nova de Foz Côa nos meses de Setembro e Agosto de 2008, surge de uma necessidade que a Fozcoactiva E.M. nos apresentou. Tendo ao seu dispor um espólio de objectos relacionados com as actividades tradicionais da região tinha-se como objectivo dá-lo a conhecer à comunidade local. A APDARC propôs então fazê-lo a partir

da perspectiva de três artistas plásticas da cidade do Porto – Maria Sottomayor, Dalila Gonçalves e Cláudia Rocha. Foi-lhes lançado o desafio de reinterpretarem os ofícios relacionados com os objectos, tendo aquelas acabado por seleccionar a albardaria, latoaria, olaria e o ferrador.

Proporcionámos-lhes uma série de visitas a artesãos. Como resultado destes contactos e experiências, procuraram por intermédio da exposição, incitar-nos à reflexão. Os objectos e ofícios sofreram um processo de recontextualização que permitiu numa exposição/ instalação que se afigurava como um grande caderno de apontamentos de uma viagem fugaz a esta realidade, acompanhada de um vídeo documental com depoimentos dos artesãos. Com esta recontextualização contemporânea de objectos que parecem não ter qualquer utilidade nos dias de hoje, procurou-se responder a uma pergunta provocatória que perpassou por toda a exposição: “Terão os objectos prazo de validade?”

Foi nosso objectivo com este projecto ir um pouco além de uma mostra etnográfica regional, procurando expor diferentes perspectivas que permitissem ao público local pensar sobre questões como a pertinência da memória ou a identidade cultural no actual contexto social. A Arte é um ofício e o ofícios serão uma arte também? Porque serão os ofícios desta região tão utilitários? E referindo as palavras das artistas “E à procura dos ofícios, encontrámos a memória de um modo de vida que nos fez repensar o nosso”. Terão mesmo prazo de validade?...

Workshop de Muxagata

Shin Egashira, arquitecto e artista plástico, é professor da AA “Architectural Association” – Escola de Arquitectura de Londres, conhecida por gerar nomes importantes no mundo da Arquitectura, tais como Rem Koolhaas (Casa da Música), Daniel Libeskind (Ground Zero - New York), Bernard Tshumi e Zaha Hadid. Nos tempos extra curriculares, Shin Egashira dedica-se a promover viagens de investigação a contextos rurais onde se verificam fenómenos tais como o envelhecimento da população e o conseqüente empobrecimento da sua vida social e activa. Esta última situação é algo que se pretende atenuar através da realização de *workshops* (oficinas) que permitam criar a longo prazo uma relação forte entre a equipa visitante e os locais; Procura-se que anualmente haja um diálogo entre cosmogonias urbanas e rurais capaz de originar novas expressões construtivas e renovadas soluções técnicas. Deste modo, todos os encontros passam pela revitalização de um espaço local através de uma intervenção que seja fruto de uma dialéctica entre a cultura da região e a criatividade dos intervenientes.

Através de Pedro Jervell (antigo aluno da AA) e da APDARC surgiu a iniciativa de convidar Shin Egashira a realizar uma série de *Workshops* na região; após a visita deste último realizada em Novembro de 2006, concluiu-se que a aldeia de Muxagata seria um local com potencial para tal. Em Setembro de 2007 foi levado a cabo o primeiro. Ao longo do mesmo, um grupo de 13 jovens, na sua maioria arquitectos, experimentou algumas actividades locais (como a vindima ou a pisa das uvas), visitou o Parque Arqueológico e, essencialmente, conviveu com a população de Muxagata. Realizaram um levantamento dos edifícios em estado de abandono desta povoação que se traduziu na forma de desenhos, esboços, fotografias, vídeo e na elaboração de um mapa com aqueles elementos assinalados. Esta base cartográfica guiará as actividades a desenvolver nos próximos *workshops*, garantindo-se desta forma a coerência de um projecto que é um *work in progress* cujos resultados vão aparecendo gradualmente ao longo de um prazo dilatado. Neste primeiro ano interviu-se já num lagar abandonado, transformando-os num jardim para usufruto da população.

Em suma, é objecto deste *Workshop* revitalizar a vida social e comunitária da aldeia de Muxagata potenciando o seu património vernacular reestruturando espaços passíveis de realizar eventos de cariz cultural, direccionados em primeiro lugar para a população local mas com vista também a atrair outros públicos que contribuam para a promoção turístico-cultural da aldeia.

Sumagre

A recolha e transformação do sumagre foi um elemento importantíssimo no contexto sócio-económico das populações do concelho de Vila Nova de Foz Côa, pelo menos desde o século XVI (Trabulo, 1982). Na verdade, sabemos pelo foral de Numão concedido por D. Manuel I em 1512 que esta planta era já explorada nessa altura na referida povoação (Trabulo, 1982: 6). Já no século XVIII a cultura do sumagre é referida nas memórias paroquiais das seguintes povoações: Custóias do Douro, Freixo de Numão, Mós do Douro, Murça do Douro, Muxagata, Santo Amaro e Seixas do Douro (Coixão e Trabulo, 1999:

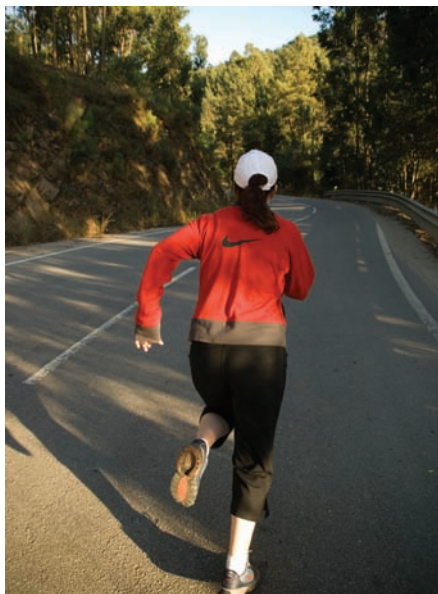


fig. 3 Outra foto presente nessa mesma exposição.



fig. 4 Aspecto final da intervenção realizada em edifício da Muxagata no âmbito do Workshop.



fig. 5 Audiência durante a apresentação pública do filme realizado ao longo o workshop.

232, 248, 288, 300, 316, 367, 394). Não sendo referida a exploração do sumagre nas memórias da paróquia de Vila Nova de Foz Côa, sabe-se por outras fontes que esta prática era também levada a cabo na referida circunscrição (Coixão e Trabulo, 1995, 200, 201). Tal relevância é ainda hoje evidente quando se observa a toponímia de algumas povoações do concelho, abundando topónimos tais como Atafona, Sumagral ou Sumagreira (Coixão, 1998).

Esta planta de nome científico *Rhus coriaria* (Lin.) crescia de forma espontânea nas encostas, sendo no entanto também plantada de estaca nos terrenos mais pobres de sedimentos (Ferreira, 1890: vol. XI). Era recolhido durante todo o mês de Agosto sendo nesta altura levado para as eiras onde ficava a secar. Aí era batida por mangoais e posteriormente transportada para as atafonas onde era moída até ficar reduzida a pó. Este produto era então adquirido por sapateiros e fábricas de curtumes tanto da região como fora dela, destacando Pedro Augusto Ferreira no seu volume XI do Portugal Antigo e Moderno os centros receptores do Porto e Alverca.

A cultura do sumagre começou a decair com a sua gradual substituição pela oliveira, amendoeira e vinha a partir do século XVIII. No entanto, a extinção desta prática deveu-se essencialmente ao aparecimento desde os inícios do séculos XX de substâncias mais baratas que permitiam a obtenção dos mesmos resultados na indústria dos curtumes, registando-se o período da I Guerra Mundial (1914-1918) como o último pico de vendas deste produto. Tal facto deveu-se ao cancelamento das importações de anilina que então se verificaram no país (Trabulo, 1982: 8).

A importância do sumagre não se ficava pelas suas valências económicas. Ainda hoje é perceptível o impacto que esta actividade de antanho exerceu sobre as pessoas que a praticaram ou viram praticar, desempenhando assim uma influência decisiva na construção das suas identidades. Este aspecto, verificável através de qualquer conversa com os habitantes locais mais idosos, terá sido em muito condicionado quer pela impressão visual que o processo de transformação do sumagre em si consistia – é recorrente as pessoas mais idosas falarem com uma certa melancolia aliada a uma certa saudade da beleza que emanava das ruas e das eiras quando as folhas aí estavam a secar – quer da relevância da cultura no seu quotidiano. Se tivermos em conta a importância dos horizontes na construção identitária de quem por eles está envolvido (v. g. Feld e Basso, 1996), então o sumagre ainda antes de ser colhido já estava a influir sobre ela, tal era o seu impacto no olhar e no dia-a-dia das pessoas.

Em parceria com a Fundação do Museu do Douro, pretende-se musealizar uma atafona de Sumagre na aldeia de Muxagata, concelho de Vila Nova de Foz Côa, projecto integrado na estratégia de Museu de Território do Museu do Douro que prevê um série de núcleos museológicos ao longo da Região Demarcada do Douro. Neste edifício encontrará o público não só o engenho responsável pelo final da cadeia operatória de transformação do sumagre como a informação relativa à pertinência histórica, antropológica e paisagística dessa cultura. Para tal, para além do trabalho no edifício, será necessário proceder-se a estudos de carácter histórico-etnográfico que permitam uma rigorosa e eficaz veiculação das ideias que muito sumariamente expusemos acima. Desta pesquisa resultarão duas edições que se debruçarão sobre o tema, edições essas que, paralelamente à abertura do núcleo museológico, resgatarão o sumagre para a contemporaneidade.

Amêndoa

A amendoeira é hoje em dia, uma das marcas identitárias do Douro Superior, em particular no que concerne ao seu território mais oriental. Tendo a sua exploração decaído a partir dos anos 80 do século passado (Rebanda, 2003: 292), tem-se nos últimos anos assistido a um lento mas franco recrudescimento desta cultura, fruto não só das suas valências económicas como, e sobretudo, das sua potencialidades turísticas, devendo destacar-se as múltiplas festas da amendoeira que se realizam por vários pontos do Douro Superior na época da sua floração. Entre estas festas releva-se, pela afluência de turistas, a de Vila Nova de Foz Côa.

Não se sabe com segurança a altura em que a exploração da amêndoa terá começado. Certo é que o topónimo Almendra (sede de freguesia do concelho de Vila Nova de Foz Côa) remonta, pelo menos, ao século X, como se sabe a partir da referência ao castelo de Amindula no testamento de D. Flâmula (Rebanda, 2003, 260). Contudo, uma vez que esta espécie nasce na região espontaneamente não é possível aferir se o topónimo se deve à exploração da espécie ou somente à variante bravia da mesma. João de Barros, na sua Geografia de Entre Douro e Minho e Trallosmontes escrita em 1549

refere já as amendoeiras dos montes em torno de Freixo de Espada à Cinta (Rebanda, 2003: 251). É, no entanto, no século XVIII que se dissemina a cultura pela região. Das freguesias que compõem o concelho de Vila Nova de Foz Côa são referidas, como produtoras de amêndoa, nas Memórias Paroquiais de 1758 as seguintes: Almendra, Castelo Melhor, Mós, Murça do Douro, Muxagata, Santo Amaro, Seixas do Douro e Vila Nova de Foz Côa (Coixão e Trabulo, 1999: 146, 175, 288, 300, 316, 367, 394, 424). Já em 1790, na Descrição do Rio Douro para cima do Cachão da Valeira, efectuada por José Vítor de Magalhães e Manuel Moreira Garcês, são as mesmas nomeadas, à excepção de Muxagata por a essa povoação não se referirem (Oliveira e Costa, 1996: 239-243). Nos finais do século XIX a exploração do amendoal é também referida na freguesia de Freixo de Numão por Affonso do Valle Coelho Pereira Cabral na obra A região vinhateira do Alto Douro (Trabulo e Coixão, 1998: 23). A cultura foi crescendo exponencialmente, observando-se um pico nas décadas de 60-70 do século XX (Rebanda, 2003: 292). Iguualmente em parceria com a Fundação do Museu do Douro, pretende-se criar um núcleo museológico da Amêndoa na aldeia de Almendra, concelho de Vila Nova de Foz Côa, projecto também integrado na estratégia de Museu de Território do Museu do Douro. Naquele equipamento o visitante será enquadrado no contexto histórico-etnográfico da exploração da amêndoa. Deverá relevar-se sobretudo o património imaterial existente, nomeadamente as histórias das terrincas, dos bruiços e outras do mesmo tipo. A recontextualização deste rico e pouco conhecido imaginário na teia da pós-modernidade é certamente uma das estratégias que a par da publicação de uma monografia sobre o tema servirá para potenciar ainda mais um produto que ajudou também ele a construir este cenário dramático que é o Alto Douro.

Bibliografia

- COIXÃO, A. N. de S.; TRABULO, A. A. R. (1995) - *Evolução político-administrativa na área do actual concelho de Vila Nova de Foz Côa*. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa.
- COIXÃO, A. N. de S. (1998) - *Toponímia do concelho de Vila Nova de Foz Côa*. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa.
- FELD, S.; BASSO, K. H., eds. (1995) - *Senses of Place*. Santa Fe; New Mexico: School of American Research Advanced Seminar Series.
- FERREIRA, P. A. (1890) - *Portugal Antigo e Moderno. Vol. XI*. Lisboa: Editora de Mattos Moreira.
- TRABULO, A. A. R. (1982) - O Sumagre. *Nauman*. Freixo de Numão. 4, p. 6-9.
- COIXÃO, A. do N. S.; TRABULO, A. A. R. (1999) - *Por terras do Concelho de Foz Côa: Subsídios para a sua História: Estudo e inventário do seu Património*. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Foz Côa [2.ª Edição].
- OLIVEIRA, A.; COSTA, N. F. da (1996) - Um manuscrito inédito sobre o Douro Superior em finais do século XVIII. *Douro: Estudos & Documentos*. Porto. 1: 1, p. 196-258.
- REBANDA, N. (2003) - A evolução da paisagem agrária no Douro Superior. *Viver e Saber Fazer: Tecnologias Tradicionais na Região do Douro: Estudos Preliminares*. Peso da Régua: Museu do Douro, p. 241-3015.
- TRABULO, A. A. R.; COIXÃO, A. N. S. (1998) - *São Pedro de Freixo: Raízes e Identidade*. Freixo de Numão: Associação Cultural, Desportiva e Recreativa de Freixo de Numão.